

La Comédiathèque

APOCALIPSE

JEAN-PIERRE MARTINEZ

Uma tragicomédia musical

comediathèque.net

**Este texto se ofrece gratuitamente para su lectura.
Antes de cualquier utilización pública, profesional o amateur, deberá
obtenerse la [autorización del autor](#).**

Apocalipse

Uma tragicomédia musical

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Há já várias décadas, as ondas de calor sucedem-se, cada vez mais precoces, mais longas e mais severas. Os “recordes” de temperatura são batidos ano após ano. A Humanidade parece correr para a sua perdição, incapaz de se reformar para evitar este apocalipse anunciado. Este mecanismo implacável é o próprio mecanismo da tragédia: já sabemos que tudo vai acabar mal, mas nada podemos fazer para o impedir...

Jean-Pierre Martinez, ao mesmo tempo dramaturgo e letrista, decidiu, no entanto, dar o sinal de alarme, com sketches e canções. Com gravidade, mas não sem humor, alerta-nos para a fragilidade da espécie humana e para o absurdo do seu destino, caso viesse a desaparecer tendo, ao mesmo tempo, conhecimento do perigo mortal que a ameaça e os meios para o evitar. A menos que o desaparecimento da Humanidade esteja inscrito no seu ADN, sem que nada possa alterar o seu fim programado...

Elenco variável:

Para uma ou várias duplas, até oito, de qualquer sexo.

© La Comédiathèque

As canções podem ser interpretadas ao vivo pelos atores da peça ou por cantores, acompanhados por músicos presentes em cena, ou cantando sobre uma versão instrumental de acompanhamento gravada, fornecida pelo autor mediante pedido. As canções também podem ser difundidas como banda sonora integrada no espetáculo.

1 – A queda de Ícaro

Canção *Le Bocal*

2 – Climatoecético

Canção *Canicule*

3 – A Teoria das Catástrofes

Canção *Après nous le déluge*

4 – A Idade da Pedra

Canção *Quatre étoiles*

5 – A revolta ou a revolução

Canção *Un bref instant d'éternité*

6 – Apocalipse

Canção *Attention fragile*

7 – Bolas de sabão

Canção *Crash zone*

8 – O inferno

Canção *Bulles de savon*

1 – A queda de Ícaro

Uma personagem faz bolas de sabão. Chega outra e fica a observá-la. São crianças, ou então adultos vestidos de crianças. O sexo é indiferente.

Dois – É divertido.

Um – Parece que vão subir até ao céu.

Dois – Se não rebentarem antes.

Um – O que será que as atrai lá para cima?

Uma pausa.

Dois – Conheces Ícaro?

Um – Ícaro? Não... É algum amigo teu?

Dois – É um mito que nos foi deixado pelos gregos. Ícaro é filho de Dédalo. Para escaparem do labirinto em que foram encerrados, fabricam umas asas com cera e penas. Embriagado pela sensação de poder voar como um pássaro, Ícaro aproxima-se demasiado do sol. A cera começa a derreter e ele cai no mar.

Um – Que história...

Dois – Tem um significado simbólico, claro.

Um – Ah, tem...?

Dois – É a noção de hybris. Quando o Homem tenta escapar à sua condição para se tornar um deus, os deuses enfurecem-se com ele e castigam-no pelo seu orgulho.

Um – Eu também gostava de voar. Como uma bola de sabão.

Dois – Sim... mas uma bola de sabão dura apenas alguns segundos.

Um – Porque os deuses a fazem rebentar para a impedir de subir até ao céu?

Dois – Pode ser...

Um – Então gostava de ser uma borboleta.

Dois – Uma borboleta vive apenas um dia.

Um – E um pássaro?

Dois – Um corvo pode viver mais de cem anos.

Um – Não gostava muito de ser um corvo.

Dois – Eu também não.

Uma pausa.

Um – Está calor.

Dois – Sim.

Um – É verão.

Dois – No verão faz calor.

Um – E no inverno faz frio.

Dois – Prefiro o verão. Gosto quando está calor.

Um – Eu também.

Dois – No verão podemos ficar lá fora o dia todo.

Um – Há luz durante mais tempo.

Dois – E, além disso, no verão, há férias.

Um – Gostava que fosse verão o ano inteiro, e tu?

Dois – Sim.

Canção Le Bocal (O Aquário)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/le-bocal

Escuro.

2 – Climatocético

Luz.

Uma personagem está ali, a mesma de antes ou não, homem ou mulher. Chega outra.

Dois – Está um calor dos diabos...

Um – Ah, não! Não vais começar tu também.

Dois – O quê?

Um – É verão, está calor. É normal. Também não vamos fazer disso uma tragédia.

Dois – Ah, não, mas hoje...

Um – Andam a massacrar-nos com isso de manhã à noite nas notícias. Que está muito calor. Que é preciso lembrar-se de beber água. Que não se deve deixar a sogra ao sol dentro do carro...

Dois – Pois, mas... É verdade que está calor.

Um – Está calor, está calor... Não mais do que de costume. Estão a fazer de nós parvos, digo-te eu.

Dois – Ao que parece, hoje voltaram a bater-se recordes.

Um – Recordes... Que disparate... Isto também não são os Jogos Olímpicos.

Dois – A verdade é que os recordes de calor são os únicos que ainda conseguimos bater neste país de merda.

Um – Isso tudo são tretas, digo-te eu. A culpa é dos ecologistas!

Dois – É por culpa dos ecologistas que está calor?

Um – Em todo o caso, é por culpa dos ecologistas que nos estão a dar cabo da cabeça com a onda de calor o santo dia todo.

Dois – É verdade que chateiam, estes ecologistas, mas enfim...

Um – Se está calor, isso dá-lhes argumentos, percebes?

Dois – Argumentos?

Um – Dá-lhes água para o moinho, se preferires.

Dois – Para o moinho deles?

Um – Para os aerogeradores deles, se preferires.

Dois – Os aerogeradores funcionam com água?

Um – Sim, bom, eu cá me entendo...

Dois – Tu és o único...

Um – Também não te vou explicar com desenhos. Está calor: votem em mim! Assim vão passar menos calor.

Dois – E então?

Um – Acreditas mesmo que, se elegêssemos uma presidente ecologista, faria menos calor no verão?

Dois – Não sei... Talvez. Os ecologistas nunca experimentámos.

Um – Está calor, pronto... Compras um ar condicionado e acabou-se.

Dois – Um ar condicionado... Não é propriamente barato, pois não? E além disso não é muito ecológico, pois não?

Um – Um ar condicionado não é muito ecológico? É melhor ir-me embora, olha. Antes que me enerve.

Canção Canicule (Canícula)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/canicule

Escuro.

3 – A teoria das catástrofes

Luz.

Uma personagem está ali, homem ou mulher. Chega outra.

Dois – Está calor, não está?

Um – Sim... Todos os anos faz um pouco mais de calor do que no ano anterior.

Dois – E durante um pouco mais de tempo.

Um – No início eram só alguns dias.

Dois – Uma semana, no máximo.

Um – Chamávamos-lhe um episódio.

Dois – Sim. Um episódio de onda de calor.

Um – Agora já não é um episódio, temos a temporada inteira.

Dois – E as temporadas sucedem-se, com cada vez mais episódios.

Um – Como na Netflix.

Dois – Agora são mais de seis meses por ano.

Um – Em breve falaremos de um intervalo de frescura, de vez em quando.

Dois – Como uma pausa publicitária antes de a série continuar.

Um – Como pudemos deixar que isto acontecesse sem reagir...?

Dois – Porque sempre pusemos o curto prazo à frente do longo prazo.

Um – Sim. A taxa de desemprego ou o preço da gasolina antes da sobrevivência da Humanidade.

Dois – Meio grau a mais por ano não parece grande coisa.

Um – Mas ao fim de dez anos são cinco graus.

Dois – E ao fim de meio século são vinte e cinco graus.

Um – E vinte e cinco graus é muito.

Dois – Demasiado.

Um – Ainda podemos parar esta máquina infernal?

Dois – Até agora, não fizemos mais do que tentar minimizar os sintomas, sem atacar realmente as causas da doença.

Um – E agora já é tarde demais.

Dois – Em todo o caso, é o que nos dizem.

Um – Os que nos dizem isso estão confortavelmente instalados em casa, à beira da piscina.

Dois – Ou dentro de casa, com o ar condicionado.

Um – O ar condicionado deles, que expulsa o calor para o exterior. Para onde nós estamos condenados a viver, nem que seja apenas para ir trabalhar ou fazer compras.

Dois – É preciso encher o frigorífico.

Um – É uma loucura, se pensarmos bem. Toda a porcaria que nos vendem guardamo-la bem fresquinha num frigorífico, enquanto nós morremos literalmente de calor nas nossas coelheiras.

Dois – Pelo menos, quando morremos, metem-nos numa câmara frigorífica.

Um – Até sermos incinerados... expulsando ainda mais carbono para a atmosfera.

Dois – Sim, mas o que podemos fazer?

Um – Nada.

Dois – É isso que os matemáticos chamam a teoria das catástrofes.

Um – A teoria das catástrofes?

Dois – Como a evolução contínua e muito progressiva de um único parâmetro provoca de repente, num momento preciso, uma rutura brutal da continuidade e uma viragem irreversível.

Um – Por exemplo?

Dois – Um ramo em que estamos sentados, que vamos serrando lentamente, e que acaba por se partir de repente, arrastando-nos na sua queda.

Um – Estou a ver... É o que se chama a gota de água que faz transbordar o copo, não é?

Dois – Exatamente. É como com a subida das águas.

Um – Ou o barco que se está a afundar porque há um buraquinho no casco.

Dois – A água sobe um centímetro por hora. Mal se nota e, por enquanto, não muda nada.

Um – Mas ao fim da semana, o barco afundou-se mais de um metro.

Dois – Pensamos que não vale a pena interromper o cruzeiro por causa disso e pôr o barco em doca seca para tapar o buraco. Mas, a partir de certa altura, o barco irá ao fundo de repente, e já nada poderá mantê-lo à tona.

Um – Sabemos que ao fim de um mês o barco se terá afundado, mas o capitão não se atreve a deixar a tripulação no desemprego. E enquanto os passageiros se divertirem...

Dois – A teoria das catástrofes também se aplica aos fenómenos sociais. Durante séculos, o povo aceita a tirania sem protestar, e depois, de repente...

Um – Demasiado é demasiado.

Dois – E chega a revolução.

Uma pausa.

Dois – Os franceses conseguiram guilhotinar um rei para fazer a sua revolução, mas nós somos incapazes de nos revoltar para travar isto.

Um – Quem poderíamos guilhotinar?

Dois – Não sei... O rei de Inglaterra?

Um – Achas que o rei de Inglaterra é responsável pelo aquecimento global?

Dois – Não, mas guilhotinar um rei sempre nos aliviaria um pouco, não?

Um – Sim...

Canção *Après nous le déluge* (Depois de nós, o dilúvio)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/apres-nous-le-deluge

Escuro.

4 – A Idade da Pedra

Luz.

Uma personagem, homem ou mulher, está ali. Chega outra.

Um – Estamos a sufocar. O que se passa?

Dois – O ar condicionado deixou de funcionar.

Um – Não conseguiste pô-lo outra vez a trabalhar?

Dois – Não está avariado... mas já não há eletricidade.

Um – Também não temos água.

Dois – Nem internet.

Um – Quanto tempo vamos aguentar assim?

Dois – Sem internet?

Um – Sem água! E sem ar condicionado...

Dois – A quanto estamos agora?

Um – Estamos quase nos sessenta graus... É uma loucura!

Dois – É como com o sistema público de pensões. Os velhos pensavam que o aquecimento global seria o problema dos netos.

Um – Os velhos morreram, e os netos estão reformados.

Dois – E agora também é o problema dos velhos.

Um – Tanto nos disseram que não se podia fazer nada sem aumentar o défice e o desemprego... Agora atingimos o pleno emprego e reduzimos o défice...

Dois – Mas vamos morrer todos...

Um – Este país era o mais belo do mundo. Transformou-se num deserto.

Dois – A população do planeta já foi reduzida para metade.

Um – Pensávamos que os únicos que morreriam seriam os que não tinham ar condicionado.

Dois – Por isso, os que o tinham não queriam saber.

Um – E agora, os que têm ar condicionado já não têm eletricidade para o fazer funcionar.

Dois – Exceto os que têm um gerador...

Um – Até ficarem sem gasolina para o pôr a trabalhar.

Dois – Ao que parece, as poucas dezenas de multimilionários que possuem 90% da riqueza mundial estão a construir uma nave espacial para abandonar a Terra.

Um – Para ir para onde?

Dois – Não sei... Para outro planeta, suponho... Para voltarem a fazer exatamente a mesma coisa.

Um – Mas nós estamos condenados a morrer aqui.

Dois – Como pudemos deixar que isto acontecesse...?

Um – No início, quarenta graus no verão parecia inimaginável. Depois tornou-se a norma. Chegámos aos cinquenta. Quarenta graus passou a ser os bons velhos tempos. Hoje ultrapassamos os sessenta.

Dois – O ar condicionado era um luxo. Tornou-se uma questão de sobrevivência.

Um – E agora o ar condicionado já não funciona.

Dois – Chegou o momento de pagar pela nossa cegueira dos últimos cinquenta anos.

Um – Achas que ainda podemos inverter a tendência?

Dois – Dizem-nos que não. A menos que voltemos à Idade da Pedra...

Um – Voltar à Idade da Pedra. Se isto continuar assim, já nem sequer teremos essa possibilidade...

Canção Quatre étoiles (Quatro estrelas)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/quatre-etoiles

Escuro.

5 – A revolta ou a revolução

Luz.

Uma personagem, homem ou mulher, está ali. Chega outra.

Um – Que barulheira é essa?

Dois – Um motim.

Um – Um motim?

Dois – Na periferia, as pessoas não têm ar condicionado. Estão a morrer de calor. Literalmente. Por isso vêm para a capital. Invadem todos os lugares climatizados. Escritórios, repartições públicas, ministérios... A polícia tenta impedi-las de entrar...

Um – Até se ouvem tiros...

Dois – Se me tivessem dito que um dia as pessoas se iriam bater por um pouco de frescura...

Um – Um pouco de frescura... Estão simplesmente a lutar pela sobrevivência...

Dois – E o Governo não faz nada?

Um – O presidente falará esta noite à nação... a partir do seu gabinete climatizado.

Dois – E o que é que nos vai dizer desta vez? Que devemos fechar as persianas durante o dia? Que nos devemos lembrar de beber água?

Um – Eles sabiam. Não fizeram nada durante todos estes anos.

Dois – E agora dizem-nos que já não se pode fazer nada. Que é demasiado tarde. Que temos de nos adaptar se não quisermos desaparecer, como os dinossauros.

Um – Nós também sabíamos. E também não fizemos nada.

Dois – O que poderíamos ter feito?

Um – Poderíamos ter-nos revoltado. No passado, fomos capazes de fazer uma greve geral por aumentos salariais. E nunca fomos capazes de fazer o mesmo para não morrermos de calor, ou para não ficarmos submersos pela subida das águas.

Dois – Porque é um problema mundial. As pessoas diziam: de que serve deixar de poluir aqui, se o resto do mundo continua a queimar carvão e petróleo? Para nos poder inundar de produtos baratos.

Um – É verdade. Faltou-nos solidariedade. E agora vamos todos bater as botas. Juntos.

Dois – Pensávamos que só os homens eram mortais, não a Humanidade. No entanto, à escala do universo, a Humanidade existe há apenas um instante. Como pudemos acreditar que viveria para sempre?

Um – Rimo-nos dos dinossauros porque não souberam adaptar-se. Mas os dinossauros dominaram a Terra durante quase 200 milhões de anos. A Humanidade, enquanto tal, existe apenas há algumas dezenas de milhares de anos, e já está à beira da extinção.

Dois – E, além disso, os dinossauros sucumbiram a uma causa exterior. A queda de um meteorito. Não tiveram muito tempo para se adaptar. Os homens vão bater as botas por causa das consequências do seu próprio comportamento, porque são incapazes de o mudar.

Um – Como um fumador ou um alcoólico, que morre de cancro porque não teve força de vontade para deixar de beber ou de fumar a tempo.

Dois – É como se o fim da Humanidade já estivesse inscrito nos seus próprios genes. O homem é uma bomba-relógio.

Um – E a contagem decrescente começou...

Uma pausa.

Dois – Sabes de onde vem a palavra canícula?

Um – Não, mas desconfio que me vais contar...

Dois – Em latim, *canicula* significa cadelinha, que é o nome da estrela Sírio, situada na constelação do Cão Maior. Na Antiguidade, pensava-se que, quando Sírio nascia ao mesmo tempo que o Sol, o seu calor se somava ao dele e provocava os grandes calores do verão.

Um – Ou seja, a canícula não é coisa de ontem...

Dois – Não... E o aquecimento global também não. Ao começarem a fazer fogo, foram os homens pré-históricos que puseram em marcha este processo mortífero, que se acelerou a partir da revolução industrial.

Um – O que era preciso era fazer uma segunda revolução industrial, mas ao contrário. Para parar esta máquina infernal...

Dois – Achas que poderia começar com este motim?

Um – Resta saber se é uma revolução ou uma simples revolta...

Canção Un bref instant d'éternité (Um breve instante de eternidade)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/un-bref-instant-deternite

Escuro.

6 – Apocalipse

Luz.

Uma personagem, homem ou mulher, está ali. Chega outra.

Um – Ouviste a rádio?

Dois – A rádio? Isso ainda existe?

Um – Desde que o último canal de televisão deixou de emitir, voltaram a abrir uma estação de rádio.

Dois – E então?

Um – Desta vez, acho que é o fim.

Dois – O fim do mundo, queres dizer?

Um – O fim da Humanidade, em todo o caso.

Dois – É verdade que a Terra, por sua vez, já viu coisas piores. Períodos glaciares, períodos de sobreaquecimento, quedas de meteoritos...

Um – Ao fim de alguns séculos, a Terra há de recuperar, isso é certo. Mas nós...

Dois – Quisemos voar demasiado alto. Demasiado depressa. Queimámos as asas. E agora estamos em queda livre. Vamos todos despenhar-nos.

Um – Isso faz-me lembrar qualquer coisa...

Dois – E o que dizem na rádio?

Um – Dizem que é preciso rezar.

Dois – Rezar?

Um – A única rádio que ainda conseguimos ouvir é uma rádio que nos anuncia que o apocalipse será amanhã. E que é preciso preparar-nos.

Dois – Preparar-nos? Como?

Um – Rezando, precisamente...

Dois – Quem dera que, com todas as suas orações, tivessem podido evitar isto.

Um – E, no entanto, desde que a Humanidade existe, orações não faltaram.

Dois – Teríamos feito melhor em rezar um pouco menos e agir um pouco mais.

Um – Depois de cada catástrofe natural, terramoto, inundação, incêndio florestal... No meio das valas comuns, os sobreviventes davam graças a Deus por ter salvado a sua pequena pessoa.

Dois – E ainda hoje, os poucos sobreviventes muito provisórios deste apocalipse continuam a dar graças ao seu Deus.

Um – Achas que o último sobrevivente da Humanidade, antes de desaparecer, continuará a dar graças a Deus por o ter salvado?

Dois – O que é certo é que Deus desaparecerá com o último homem suficientemente idiota para acreditar nele.

Um – É uma das poucas razões para ter esperança perante a perspectiva deste apocalipse...

Canção Attention fragile (Cuidado, frágil)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/attention-fragile

Escuro.

7 – Bolas de sabão

Luz.

Uma personagem, homem ou mulher, faz bolas de sabão. Chega outra.

Dois – O que estás a fazer...?

Um – Bolas de sabão.

Dois (*perplexo*) – Isso já eu vejo... Mas quero dizer...

Um – Nunca fizeste bolas de sabão?

Dois – Sim... Com certeza... Quando tinha cinco ou seis anos, suponho...

Um – Sim... Eu também... Decidi voltar a fazê-las...

Dois – Ah, sim...

Um – Sabes o que dizia Nietzsche sobre as bolas de sabão?

Dois – Nietzsche?

Um – «Para mim, as borboletas, as bolas de sabão e os seres humanos que se lhes assemelham são os que mais sabem da felicidade.»

Dois – Nietzsche disse isso?

Um – Em *Assim Falava Zarathustra*.

Dois – Bom...

Um – Estás a ver... Nietzsche também fazia bolas de sabão.

Dois – Está bem...

Um – E tu, por que deixaste de fazer?

Dois – Deixar? Deixar o quê?

Um – De fazer bolas de sabão. Disseste que as fazias quando tinhas cinco ou seis anos. Por que deixaste de as fazer?

Dois – Não sei... Ao fim de algum tempo, passei para outra coisa, suponho.

Um – Outra coisa... A quê, por exemplo?

Dois – Depois... comecei a fumar.

Um – Está bem... Mas fumar...?

Dois – Sim, charros também.

Um – E depois...?

Dois – Depois... também deixei.

Um – E agora?

Dois – Agora vaporizo.

Um – Devias tentar voltar às bolas de sabão.

Dois – Sim, talvez... (*Uma pausa.*) Tens a certeza de que estás bem?

Um – Sim, porquê?

O outro olha à sua volta.

Dois – Havia tanto tempo que eu não vinha aqui.

Um – Sim...

Dois – E tu?

Um – Eu?

Dois – Há quanto tempo?

Um – Não sei... Deve fazer... Na verdade, não tenho a certeza de já ter vindo antes, pois não?

Dois – Não... Não, eu também não...

O outro também olha à sua volta.

Um – Em todo o caso, não mudou nada.

Dois – Não...

Silêncio.

Um – Ao mesmo tempo...

Dois – O quê?

Um – Como podemos saber que não mudou, se nunca cá tínhamos vindo antes?

O outro volta a olhar à sua volta.

Dois – Não há nada. Como queres que tivesse mudado?

Um – É verdade... O nada não muda, pois não?

Dois – Não.

Uma pausa.

Um – Sabes o que Nietzsche disse sobre o nada?

Dois – Não... (*Espera que o outro esclareça, mas o outro não diz nada.*) O que disse?

Um – Não faço ideia...

Dois – Então, por que me perguntas o que Nietzsche disse sobre o nada?

Um – Pois... Para saber... Pensei que talvez tu soubesses...

Dois – O que Nietzsche disse sobre o nada? Pensaste que eu soubesse?

Um – Tens razão, é uma parvoíce. Além disso, talvez ele não tenha dito absolutamente nada.

Dois – Sobre o nada?

Um – Sim.

Dois – Não dizer nada sobre o nada é provavelmente o melhor que se pode fazer, não?

Um – Sim...

Dois – Deves estar a confundi-lo com Sartre.

Um – Sartre disse alguma coisa sobre o nada?

Dois – Acho que sim... Não?

Um – Sim, talvez.

Dois – Mas o quê...?

Um – Isto...

Canção Crash Zone

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/crash-zone

Escuro.

8 – O inferno

Luz.

Uma personagem, homem ou mulher, está ali. Chega outra.

Dois – Ainda estás aqui...?

Um – Onde queres que esteja?

Dois – É verdade, tens razão...

Uma pausa.

Um – Então agora tratamo-nos por tu, não é?

Dois – Não sei... Sim... Porque não? Antes tratávamo-nos por você?

Um – Antes de quê?

Dois – Antes... Antes de nos tratarmos por tu...

Um – Não sei... Não me lembro.

Dois – Eu também não.

Um – Preferes que nos tratemos por você?

Dois – Não, não... Com todo o tempo que já nos conhecemos...

Um – Claro... (*Uma pausa.*) Aliás, já nem me lembro... Onde é que nos conhecemos?

Dois – Aqui, creio eu.

Um – Está bem...

Dois – O quê?

Um – Não tínhamos dito que nunca tínhamos vindo aqui? Que era a primeira vez?

Dois – Sim...

Um – Como é que nos podíamos ter conhecido aqui, se nunca cá tínhamos vindo?

Dois – Ah, sim, tens razão.

Um – Pois...

Dois – É curioso. E, no entanto, a tua cara não me era estranha.

Um – Ah, sim...?

Dois – Tinha a impressão de já te ter visto em algum lado.

Um – Então devemos ter-nos conhecido noutra sítio.

Dois – Sim... *(Uma pausa.)* Noutro sítio...?

Um – Se não nos conhecemos aqui... nem noutro sítio, é porque nunca nos tínhamos conhecido antes, não é?

Dois – Sim, faz sentido...

Um – Isso quer dizer que, na verdade... não nos conhecemos?

Dois – Sim...

Silêncio.

Um – Então porque é que nos tratamos por tu?

Dois – Talvez nos tenhamos conhecido... noutra vida.

Um – Como assim, noutra vida? Só se vive uma vez, não? Bem, não sei... Foi o que sempre me disseram...

Dois – Tenho uma explicação, mas não sei se vais gostar.

Um – Chegados a este ponto...

Dois – Se só se vive uma vez, se nunca nos conhecemos nem aqui nem noutro sítio, e apesar disso nos conhecemos... é porque não estamos em parte nenhuma.

Um – E sobretudo, é porque estamos mortos...

Dois – Não vejo outra explicação. E tu?

Um – Não, eu também não. *(Uma pausa.)* E... de que teríamos morrido, então?

Dois – De quê?

Um – Sim, de quê. Devemos ter morrido de alguma coisa, não?

Dois – Ou seja, digo-te que estamos mortos, e a primeira pergunta que te ocorre é de que morremos.

Um – Também não é preciso ficares desagradável... Pergunto-me se, no fim de contas, não será melhor tratarmo-nos por você.

Dois – Sei lá... Há muitas maneiras de morrer... mas o resultado é o mesmo, não é?

Um – Sim, não te falta razão...

Uma pausa.

Dois – Resta saber se estamos no paraíso ou no inferno.

Um – Devemos estar no inferno.

Dois – Porquê?

Um – Está um calor terrível, não está?

Dois – Sim, agora entendo melhor a expressão “ardei no inferno”.

Um – No paraíso deve haver ar condicionado. E além disso... no paraíso deveríamos estar sozinhos, não?

Dois – Sozinhos? Em isolamento, queres dizer?

Um – É verdade que na prisão metem em isolamento os presos rebeldes para os castigar.

Dois – Então porque dizes que no paraíso deveríamos estar sozinhos?

Um – Não foi Sartre quem disse: “o inferno são os outros”?

Dois – Sartre? Sim, talvez...

Um – Se o inferno são os outros, no paraíso uma pessoa deve estar sozinha, não?

Dois – Seria lógico, em todo o caso.

Uma pausa.

Um – Não nos lembramos de nada. Porque é que me lembro de Sartre?

Dois – E de Nietzsche.

Um – Tu lembras-te de alguma coisa?

Dois – Não sei... Lembro-me... de que já fazia calor.

Um – Calor?

Dois – Muito calor.

Um – Mas calor... como aqui?

Dois – Sim, é isso... Como no inferno. Mas na Terra.

Um – Então teria sido assim que morremos...?

Dois – Assim?

Um – Um golpe de calor. Acontece.

Dois – Sim... Talvez tivéssemos ido fazer uma caminhada no deserto, sem água, e morrido de sede.

Um – Ou talvez tenhamos morrido todos.

Dois – Todos? O fim do mundo, queres dizer?

Um – O fim da Humanidade, em todo o caso.

Dois – Então porque é que estamos só nós os dois?

Um – Talvez tenhamos sido os dois últimos.

Dois – Talvez... Como Adão e Eva foram os dois primeiros.

Um – O que é certo é que isto não se parece muito com o jardim do Éden.

Dois – Não... Parecia-se mais com...

Um – Com nada.

Dois – Sim.

Um – Eu também me lembro. Fazia muito calor.

Dois – Todos os anos fazia um pouco mais de calor.

Um – Todas as árvores morreram.

Dois – A Terra transformou-se num deserto.

Um – Já não tínhamos água.

Dois – Acabámos por morrer de sede.

Uma pausa.

Um – Mas então... estamos no inferno, ou continuamos na Terra?

Dois – Que diferença faz?

Um – Tens razão... Para quê um inferno, se conseguimos transformar a Terra num forno?

Uma pausa.

Dois – É curioso, aliás...

Um – O quê?

Dois – Tu tens sede?

Um – Não.

Dois – Eu também não.

Um – Temos de acreditar que, quando se está morto, já não se tem sede.

Dois – Alguma vantagem havia de ter estar morto. (*Uma pausa.*) Já não temos sede... mas continuamos com o mesmo calor.

Um – Somos bem pouca coisa.

Dois – Isto faz-me lembrar a história da rã que queria fazer-se tão grande como o boi.

Um – E inchou tanto que acabou por rebentar.

Dois – Ou aquelas bolhas financeiras de que se falava antes a propósito da Bolsa. A Humanidade vivia dentro de uma bolha, que acabou por rebentar.

Um – Como vês, os filósofos também dizem muitas disparates.

Dois – Os filósofos?

Um – Nietzsche, a propósito das bolas de sabão, que supostamente sabiam mais do que ninguém sobre a felicidade.

Dois – Sim. A Humanidade inteira era uma bola de sabão.

Um – E acabou por rebentar.

Dois – Pop... E pronto. Nada mais.

Um – Até à próxima bola.

Dois – Que rebentará por sua vez muito antes de alcançar as estrelas.

Um – Sim, somos bolas de sabão.

Dois – Mas quem faz as bolas...?

O primeiro volta, como no início, a fazer bolas.

Canção Bulles de savon (Bolas de sabão)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/bulles-de-savon

Escuro.

Fim.

Canção Le Bocal (O Aquário)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/le-bocal

Nous croyons tout savoir
Sur l'atome, les trous noir
L'enfer, le purgatoire
Sur notre propre histoire
Du temps de la préhistoire
Jusqu'aux châteaux de la Loire
On voyage sur la Lune
Jusqu'à la planète Mars
Nos exploits font la une
Mais tout ça n'est qu'une farce
On prévoit le temps de demain
Mais on a le temps de rien

On est les agités du bocal
Des poissons rouges dans un verre d'eau
Nos luttes, nos guerres,
nos conquêtes spatiales
C'est qu'une tempête dans un bocal

On est les agités du bocal
On tourne en rond dans un piège de cristal
Notre prison c'est un verre d'eau
Et si on le casse ça va faire mal

Un poisson rouge c'est pas très malin
Ça n'entend rien, ça ne voit pas très loin
Et puis surtout ça n'a aucune mémoire
Ça laisse quand même pas beaucoup d'espoir

Derrière la vitre, le peu qu'on pourrait voir
On ne peut pas le vérifier,
on ne peut que le croire
Parfois à travers la vitre sale
On croit apercevoir une forme idéale

Serait-ce la main qui nous nourrit
Le vitrier qui nous retient ici
Est-ce lui qui nous a mis dans ce merdier
Un dieu, un monstre, un apprenti sorcier

On est les agités du bocal
Des poissons rouges dans un verre d'eau
Nos luttes, nos guerres,
nos conquêtes spatiales
C'est qu'une tempête dans un bocal

Julgamos saber tudo
Sobre o átomo e os buracos negros
Sobre o inferno e o purgatório
Sobre a nossa própria história
Desde a pré-história
Até aos castelos do Loire
Viajamos até à Lua
E até ao planeta Marte
Os nossos feitos ocupam as primeiras páginas
Mas tudo isso não passa de uma farsa
Prevemos o tempo de amanhã
Mas nunca temos tempo para nada

Somos os agitados do aquário
Peixes vermelhos num copo de água
As nossas lutas, as nossas guerras,
as nossas conquistas espaciais
Não passam de uma tempestade num aquário

Somos os agitados do aquário
Às voltas numa armadilha de vidro
A nossa prisão é um copo de água
E, se o partirmos, vamos magoar-nos

Um peixe vermelho não é muito inteligente
Não ouve grande coisa nem vê muito longe
E, acima de tudo, não tem memória
Isso não deixa muito espaço para a esperança

Por detrás do vidro, o pouco que podemos ver
Não podemos comprová-lo,
apenas acreditar nele
Às vezes, através do vidro sujo
Julgamos distinguir uma forma ideal

Será a mão que nos alimenta?
O vidraceiro que nos mantém aqui?
Foi ele que nos meteu nesta embrulhada?
Um deus, um monstro, um aprendiz de feiticeiro?

Somos os agitados do aquário
Peixes vermelhos num copo de água
As nossas lutas, as nossas guerras,
as nossas conquistas espaciais
Não passam de uma tempestade num aquário

On est les agités du bocal
On tourne en rond dans un piège de cristal
Notre prison c'est un verre d'eau
Et si on le casse on n'aura plus d'eau

Au moins dans cette prison de verre
Ne rendons pas grâce à notre geôlier
Au prétexte qu'il nous laisse entrevoir
Ce que voir nous ne verrons jamais

On est les agités du bocal
Des poissons rouges dans un verre d'eau
Nos luttes, nos guerres,
nos conquêtes spatiales
C'est qu'une tempête dans un bocal

On est les agités du bocal
On tourne en rond dans un piège de cristal
Notre prison c'est un verre d'eau
Et si on le casse on va tomber de haut

Je ne sais déjà plus ce que je vous racontais
J'ai tout oublié, je n'm'en souviens plus
Les poissons rouges c'est bien connu
N'écrivent jamais de livres d'histoire
Ni les amnésiques leurs mémoires

Somos os agitados do aquário
Às voltas numa armadilha de vidro
A nossa prisão é um copo de água
E, se o partirmos, já não haverá água

Ao menos nesta prisão de vidro
Não demos graças ao nosso carcereiro
Sob o pretexto de que nos deixa entrever
Aquilo que jamais poderemos ver de verdade

Somos os agitados do aquário
Peixes vermelhos num copo de água
As nossas lutas, as nossas guerras,
as nossas conquistas espaciais
Não passam de uma tempestade num aquário

Somos os agitados do aquário
Às voltas numa armadilha de vidro
A nossa prisão é um copo de água
E, se o partirmos, a queda será dura

Já não me lembro do que vos estava a contar
Esqueci-me de tudo, já não me recordo
É sabido que os peixes vermelhos
Nunca escrevem livros de história
Nem os amnésicos as suas memórias.

Canção Canicule (*Canícula*)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/canicule

Sous le parasol de leur terrasse
Au bord de la piscine
Ou bien, au frais dans leur mas
À l'ombre de la clim
Sirotant, un pastis avec de la glace
En petit polo de leur marque favorite
Gentiment ces gens vous expliquent
Que le réchauffement c'est un mythe

Ce sont les climato-sceptiques

Puisqu'ils n'ont pas trop chaud
Le thermomètre doit se tromper
Après tout c'est l'été
Et l'été il fait chaud

Y fait chaud pas d'panique
C'est nous les climatosceptiques
Y fait chaud c'est juste la saison
Et nous on a toujours raison

Je pense donc je suis, tu parles
Pas besoin de penser pour avoir un avis
En démocratie n'importe quel con peut dire
Je ne pense pas, je suis sûr, et ça me suffit

C'est qui tous ces écolos
Qui prétendent vivre dans une étuve
Et en plus s'ils ont chaud
Ce s'rait à cause de mon SUV

Pourquoi en faire toute une salade
Ils doivent être malades
C'est bien connu, quand on a la fièvre
On accuse le thermomètre

Quand on est con, on est con
Mais vous connaissez l'dicton
C'est pas parce qu'on est con
Qu'il faut pas donner d'leçons

Y fait chaud pas d'panique
C'est nous les climato-sceptiques
Les vrais héros à l'esprit critique
Les sauveurs de la République
Climato-sceptiques
Vous avez raison
Les scientifiques
Sont vraiment des cons

Debaixo do guarda-sol do seu terraço
À beira da piscina
Ou então, ao fresco na sua herdade
À sombra do ar condicionado
A bebericar um pastis com gelo
Com um polozinho da sua marca favorita
Amavelmente essa gente vos explica
Que o aquecimento é um mito

São os climatocéticos

Como eles não têm demasiado calor
O termómetro deve estar enganado
Afinal de contas, é verão
E no verão faz calor

Está calor, nada de pânico
Somos nós, os climatocéticos
Está calor, é apenas a estação
E nós temos sempre razão

Penso, logo existo, pois sim
Não é preciso pensar para ter opinião
Em democracia, qualquer idiota pode dizer
Não penso, tenho a certeza, e isso basta-me

Quem são todos esses ecologistas
Que pretendem viver num forno
E ainda por cima, se têm calor
Parece que a culpa é do meu SUV

Porquê fazer tanto alarido
Devem estar doentes
Toda a gente sabe que, quando se tem febre
Acusa-se o termómetro

Quando se é parvo, é-se parvo
Mas já conhecem o ditado
Não é por uma pessoa ser parva
Que tem de deixar de dar lições

Está calor, nada de pânico
Somos nós, os climatocéticos
Os verdadeiros heróis com espírito crítico
Os salvadores da República
Climatocéticos
Têm razão
Os cientistas
São uns autênticos idiotas

Des empêcheurs
De tourner en rond
Des manipulateurs
Peut-être même des espions

Vous, vous avez tout compris
Pas besoin d'faire d'études
Une opinion suffit
Ou encore mieux une certitude

Hier anti-vax
Aujourd'hui climato-sceptiques
Demain anti Me Too
Et toujours complotistes
C'est nous les négationnistes

Pendant ce temps-là sur les chantiers
L'ouvrier marne par 50 degrés
Avant d'renter dans sa cité
Griller dans son HLM surchauffé

Tandis qu'au large des côtes d'Afrique
On s'entasse sur des radeaux transatlantiques

Bizarrement parmi les réfugiés climatiques
Y'a pas beaucoup de climato-sceptiques

Uns desmancha-prazeres
Que não deixam continuar tudo como antes
Uns manipuladores
Talvez até espiões

Vocês perceberam tudo
Não é preciso estudar
Basta ter uma opinião
Ou melhor ainda, uma certeza

Ontem antivacinas
Hoje climatocéticos
Amanhã anti-Me Too
E sempre conspiracionistas
Somos nós, os negacionistas

Entretanto, nas obras
O operário labuta a cinquenta graus
Antes de voltar ao seu bairro
Para assar no seu apartamento sobreaquecido

Entretanto, ao largo das costas de África
Amontoamo-nos em jangadas transatlânticas

Curiosamente, entre os refugiados climáticos
Não há muitos climatocéticos

Canção Après nous le déluge (Depois de nós, o dilúvio!)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/apres-nous-le-deluge

Il n'y a plus de saisons
C'est qu'on disait avant
C'est à cause de leur bombe atomique
Et on avait raison
C'était pour rire, c'est véridique

Le monde n'a plus qu'une seule saison
Un hiver nucléaire

On a brûlé notre maison
On a crié au feu
On a prié le Bon Dieu
Allumé des guerres de religion
L'histoire des hommes
est une histoire de fous
Les pyromanes, c'était nous
Les pompiers incendiaires
Ça date pas d'hier

L'Humanité a déserté l'Homme
L'Homme a désertifié la Terre
Mais l'Humanité ne désertera pas la Terre
Quand on ne peut pas désertar,
on devient le désert

Ceux qui croyaient au septième ciel
Les climato-sceptiques
Les cavaliers de l'Apocalypse
Les éco-terroristes
Ceux qui pensaient construire
Une arche pour s'enfuir

Y'a pas d'autre refuge
Après nous le déluge
De désaccords factices
En victoires coûte que coûte
De guerres en armistices
De défaites en déroutes

De réchauffement climatique
En fonte des glaces arctiques
De simple marée noire
En tsunami d'or noir
Il est arrivé le grand soir

On a tous planifié
Un suicide collectif
Falsifié l'ordonnance
De nos soins palliatifs

Já não existem estações
Era o que se dizia antes
É por culpa das vossas bombas atômicas
E tínhamos razão
Era uma piada, mas é a pura verdade

O mundo já só tem uma estação
Um inverno nuclear

Queimámos a nossa própria casa
Gritámos “fogo!”
Rezámos ao Bom Deus
Acendemos guerras de religião
A história dos homens
é uma história de loucos
Os pirómanos éramos nós
Os bombeiros incendiários
E isso não vem de ontem

A Humanidade abandonou o Homem
O Homem desertificou a Terra
Mas a Humanidade não desertará a Terra
Quando não se pode desertar,
transforma-se no deserto

Os que acreditavam no sétimo céu
Os céticos do clima
Os cavaleiros do Apocalipse
Os ecoterroristas
Os que pensavam construir
Uma arca para fugir

Não há outro refúgio
Depois de nós, o dilúvio
De desacordos fingidos
Em vitórias a qualquer preço
De guerras em armistícios
De derrotas em debandadas

Do aquecimento climático
Ao degelo do Ártico
De um simples derrame de petróleo
A um tsunami de ouro negro
Chegou a grande noite

Todos planeámos
Um suicídio coletivo
Falsificámos a receita
Dos nossos cuidados paliativos

Le paradis; c'est trop loin
pour y'aller à la nage
Et l'enfer
On n'échapp'ra pas au naufrage
Même si on manque pas d'air
On n'est pas des lumières
On se déplace pépère
On est trop terre à terre

Il est trop long, le voyage,
à moins qu'on se téléporte
Les étoiles trop lointaines,
elles sont déjà mortes

Ceux qui croyaient au septième ciel
Les climato-sceptiques
Les cavaliers de l'Apocalypse
Les éco-terroristes
Ceux qui pensaient construire
Une arche pour s'enfuir

Y'a pas d'autre refuge
Après nous le déluge

Si on pouvait encore sauver l'Humanité
Est-ce qu'elle mérite d'être sauvée
L'humanité, y'a pas que son bilan carbone
L'Humanité est une conne
Est-ce qu'il faut lui pardonner

Ceux qui croyaient au septième ciel
Ceux qui n'y croyaient pas trop
On est tous dans le même bateau
Le bateau coule, qu'est-ce qui reste
Un trou dans l'eau, et un arc-en-ciel

Y'a pas de refuge, pas de subterfuge
Après nous le déluge

O paraíso está longe demais
para lá chegar a nado
E o inferno...
Não escaparemos ao naufrágio
Ainda que não nos falte o ar
Não somos propriamente brilhantes
Avançamos devagarinho
Temos os pés demasiado assentes na terra

A viagem é longa demais,
a menos que nos teletransportemos
As estrelas estão longe demais,
já estão mortas

Os que acreditavam no sétimo céu
Os céticos do clima
Os cavaleiros do Apocalipse
Os ecoterroristas
Os que pensavam construir
Uma arca para fugir

Não há outro refúgio
Depois de nós, o dilúvio

Se ainda pudéssemos salvar a Humanidade
Mereceria ela realmente ser salva?
A humanidade não é apenas a sua pegada de
carbono
A Humanidade é idiota
Devemos perdoá-la?

Os que acreditavam no sétimo céu
E os que não acreditavam muito nele
Estamos todos no mesmo barco
O barco afunda-se, que resta?
Um buraco na água e um arco-íris

Não há refúgio, não há subterfúgio
Depois de nós, o dilúvio

Canção Quatre étoiles (Quatro estrelas)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/quatre-etoiles

Tant d'étoiles dans le ciel
Tant d'yeux, tant d'étincelles
Nous regardent sans nous voir
Nous imaginent dans les nuages
Tendant, aux cieux, un miroir
Nous inventant à leur image

Nous avons nos savants
Et nos politiciens
On a un président
Nos académiciens
Nos sages en habits verts
Nos films de série B
On a même inventé
Les petits hommes verts

Derrière nos télescopes
Comment imaginer
Le monde du silence
Une autre Humanité

Faut-il être assez prétentieux
pour se croire seul dans l'univers
Assez candide pour inventer un Dieu
Assez naïf pour lui adresser des prières
Faut-il être assez pervers
Pour faire de son Dieu
Un tyran sur la Terre

Aux prophètes de carrière
Et leur musique militaire
Je préférerai toujours
La musique des sphères
Aux certitudes des professeurs
Les rêveries des promeneurs solitaires
Aux questions avec une seule réponse
Les étonnements, les doutes et les mystères

Un petit pas pour un homme
Un saut dans l'inconnu
Un mot, un post-scriptum
Pour un marché conclu
On nous avait promis la Lune

Tantas estrelas no céu
Tantos olhos, tantos brilhos
Olham-nos sem nos ver
Imaginam-nos entre as nuvens
Estendendo para o céu um espelho
Inventando-nos à sua imagem

Temos os nossos cientistas
E os nossos políticos
Temos um presidente
Os nossos ilustres académicos
Os nossos sábios de fraque verde
Os nossos filmes de série B
Até inventámos
Os homenzinhos verdes

Por detrás dos nossos telescópios
Como imaginar
O mundo do silêncio
Outra Humanidade

Será preciso ser tão pretensioso
Para se julgar sozinho no universo?
Tão ingénuo para inventar um Deus
Tão inocente para lhe dirigir preces
Será preciso ser tão perverso
Para transformar o seu Deus
Num tirano sobre a Terra?

Aos profetas de profissão
E à sua música militar
Preferirei sempre
A música das esferas
Às certezas dos professores
Os devaneios dos passeantes solitários
Às perguntas com uma só resposta
O espanto, as dúvidas e os mistérios

Um pequeno passo para um homem
Um salto para o desconhecido
Uma palavra, um pós-escrito
Para um acordo já fechado
Tinham-nos prometido a Lua

Les rêves de Galilée
Les tapis volants
Les mille et une nuits
La Terre est ronde
Il faudra s'contenter,
Des anneaux de Saturne
Et après les Rois Mages
Les tapis de bombes en Galilée

La solitude parmi la foule
C'est notre destinée
La civilisation partout
Nulle part l'Humanité

Connaîtrons-nous un jour
nos compagnons de captivité
Et pourquoi voudraient-ils
Avec nous partager

Nous avons tant donné
À nos colonisés
Et si les petits hommes verts
N'étaient pas bien lunés

Donnez-nous aujourd'hui
Nos rêves de demain
La tête dans les étoiles
Et la main dans la main

Le conte est à rebours
Nous sommes des papillons
Le temps nous est compté
À peine commencée
Des amours la saison
Et c'est déjà la fin

Os sonhos de Galileu
Os tapetes voadores
As mil e uma noites
A Terra é redonda
Teremos de nos contentar
Com os anéis de Saturno
E depois dos Reis Magos
Os tapetes de bombas na Galileia

A solidão no meio da multidão
Esse é o nosso destino
Civilização por toda a parte
Humanidade em parte nenhuma

Conhecemos algum dia
Os nossos companheiros de cativeiro?
E por que razão haveriam eles
De querer partilhar connosco?

Tanto demos
Aos nossos colonizados
E se os homenzinhos verdes
Não estivessem bem-dispostos?

Dá-nos hoje
Os nossos sonhos de amanhã
A cabeça nas estrelas
E a mão na mão

O conto anda para trás
Somos borboletas
O nosso tempo está contado
Mal começou
A estação do amor
E já é o fim

Canção Un bref instant d'éternité (Um breve instante de eternidade)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/un-bref-instant-deternite

La vie est courte
La mort aussi
On n'a pas le temps de se reposer

A vida é curta
A morte também
Não temos tempo para descansar

Le dernier sommeil
C'est pas le dernier
C'est pas le premier non plus
C'est pas le sommeil éternel
C'est juste une petite sieste
Un bref instant d'éternité
Avant d'autres réveils
Des réveils en sursaut
Des réveils éternels
Jusqu'à la nuit des temps

O último sono
Não é o último
Também não é o primeiro
Não é o sono eterno
É apenas uma pequena sesta
Um breve instante de eternidade
Antes de outros despertares
Despertares sobressaltados
Despertares eternos
Até à noite dos tempos

La vie dure pas longtemps
Quatre-vingt dix printemps
Les premières années
On ne s'en souvient pas
Les dernières années
On ne se souvient plus

A vida não dura muito
Noventa primaveras
Dos primeiros anos
Não nos lembramos
Dos últimos anos
Já não nos lembramos de nada

On en aurait bien repris
Pour quelques décennies
Histoire de voir grandir
Nos petits enfants
Histoire de voir comment
Le monde se portera
Sans nous

Teríamos ficado encantados
Mais algumas décadas
Para ver crescer
Os nossos netos
Para ver como
O mundo se sairia
Sem nós

Est-ce qu'on a raté le meilleur
Est-ce qu'on a échappé au pire

Perdemos o melhor?
Escapámos ao pior?

L'éternelle jeunesse
On ne voudrait pas mourir.
Quand on est immortel
Est-ce qu'on a un avenir

A eterna juventude
Não quereríamos morrer
Quando se é imortal
Ainda se tem futuro?

La fin du monde on s'en fout
On sera pas là pour voir ça

O fim do mundo é-nos indiferente
Não estaremos lá para o ver

Après nous le déluge
Qui vivra verra
Et qui mourra ne verra pas

Depois de nós, o dilúvio
Quem viver, verá
E quem morrer, nada verá

Quelques années à essayer
De faire quelque chose de sa vie
Comprendre quelque chose à la vie
Et c'est déjà fini
On n'a pas fait grand chose
Et on n'a rien compris

Les amis qui partent
On les pleure

Les civilisations qui meurent
On les oublie

Un pas en avant
Un pas en arrière
La vie éternelle

Un éternel recommencement

On ne se baigne jamais deux fois
Dans le même fleuve
Surtout quand on n'sait pas nager
On est emporté par le courant
C'est pas la vie qui est trop courte
C'est nous qui sommes trop lents
Pour nager à contre-courant

Futur antérieur
Passé décomposé

Passé imparfait
Futur décomposé

Présent
Un bref instant d'éternité

Alguns anos a tentar
Fazer alguma coisa da vida
Compreender alguma coisa da vida
E já acabou
Não fizemos grande coisa
E não compreendemos nada

Os amigos que partem
Choramo-los

As civilizações que morrem
Esquecemo-las

Um passo em frente
Um passo atrás
A vida eterna

Um eterno recomeço

Nunca nos banhamos duas vezes
No mesmo rio
Sobretudo quando não sabemos nadar
A corrente arrasta-nos
Não é a vida que é demasiado curta
Somos nós que somos demasiado lentos
Para nadar contra a corrente

Futuro anterior
Passado decomposto

Pretérito imperfeito
Futuro decomposto

Presente
Um breve instante de eternidade

Canção Attention fragile (Cuidado frágil)

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/attention-fragile

Sur les cartons des emballages
Pour un lave-linge ou un frigo
Dans les bateaux, les camions, les trains
Il y a toujours écrit en gros
Attention fragile, manipuler avec soin

Comme si ces engins
valaient plus qu'un humain

On protège une œuvre d'art
Ou un simple miroir
Mais derrière un regard
Sait-on ce qui se cache
Une âme fissurée
Ou un cœur cabossé

Les enfants pleurent quand on les met au lit
Quand ils tombent, quand ils ont mal
Il y a même des enfants c'est bien normal
Qui pleurent seulement parce qu'il fait nuit

On apprend aux enfants et surtout aux garçons
À ne pas pleurer, ne pas montrer leurs émotions

Attention, fragile
Sous les allures les plus viriles
Il y a des âmes à fleur de peau
Et des cœurs d'artichauts

Attention, fragile
Ne retenez pas vos larmes
Fendez l'armure et s'il le faut
Brisez la vitre, sonnez l'alarme

On nous apprend dès qu'on est né
Que laisser voir sa détresse
C'est montrer sa faiblesse
Et se mettre en danger

Si tu veux la paix, prépare la guerre
Ça fait des millénaires, que nos militaires
Préparent la prochaine
Et cette paix tant voulue
Elle n'est jamais venue

Nas caixas de embalagem
De uma máquina de lavar ou de um frigorífico
Nos barcos, nos camiões e nos comboios
Aparece sempre escrito em letras grandes:
Frágil, manusear com cuidado

Como se essas máquinas
valessem mais do que um ser humano

Protegemos uma obra de arte
Ou um simples espelho
Mas por detrás de um olhar
Sabemos o que se esconde?
Uma alma rachada
Ou um coração magoado?

As crianças choram quando as deitamos
Quando caem, quando lhes dói alguma coisa
E há crianças, o que é perfeitamente normal,
Que choram simplesmente porque é de noite

Ensinamos as crianças, e sobretudo os rapazes,
A não chorar, a não mostrar as suas emoções

Frágil, manusear com cuidado
Por baixo das aparências mais viris
Há almas hipersensíveis
E corações de manteiga

Frágil, manusear com cuidado
Não contenham as lágrimas
Quebrem a armadura e, se for preciso,
Partam o vidro, façam soar o alarme

Desde que nascemos
Ensinam-nos que mostrar angústia
É mostrar fraqueza
E pôr-se em perigo

Se queres a paz, prepara a guerra
Há milénios que os nossos militares
Preparam a próxima
E essa paz tão desejada
Nunca acaba por chegar

Et si pour une fois, sur cette Terre
On préparait la paix plutôt que la guerre
Si on disait simplement
Moi aussi j'ai peur
Rassurons-nous mutuellement
Serait-ce une erreur

Attention, fragile
Sous les allures les plus viriles
Il y a des âmes à fleur de peau
Et des cœurs d'artichauts

Attention, fragile
Ne retenez pas vos larmes
Fendez l'armure et s'il le faut
Brisez la vitre, sonnez l'alarme

Gardez votre âme d'enfant
Ne faites pas le choix des armes
Et si vous laissez couler vos larmes
Que ce soit des larmes de joie

Attention, fragile
On devrait pouvoir se tatouer ça dans le cou
Sans qu'on nous prenne pour des fous
Attention, fragile
Cœurs sensibles, ne pas s'abstenir
Vous êtes de l'Humanité l'avenir

Attention, fragile
C'est parce que l'homme était fragile
Qu'il a fini par dominer le monde
Et c'est notre monde à présent
Qui est devenu si fragile

Notre fragilité c'est notre force
Notre force, c'est notre fragilité

E se, por uma vez, nesta Terra,
Preparássemos a paz em vez da guerra?
E se simplesmente disséssemos:
"Eu também tenho medo"?
E nos tranquilizássemos uns aos outros
Seria isso um erro?

Frágil, manusear com cuidado
Por baixo das aparências mais viris
Há almas hipersensíveis
E corações de manteiga

Frágil, manusear com cuidado
Não contenham as lágrimas
Quebrem a armadura e, se for preciso,
Partam o vidro, façam soar o alarme

Conservem a vossa alma de criança
Não escolham o caminho das armas
E, se deixarem correr as lágrimas,
Que sejam lágrimas de alegria

Frágil, manusear com cuidado
Deveríamos poder tatuar isso no pescoço
Sem que nos tomem por loucos
Frágil, manusear com cuidado
Corações sensíveis, não se abstenham
Vocês são o futuro da humanidade

Frágil, manusear com cuidado
Foi porque o ser humano era frágil
Que acabou por dominar o mundo
E agora é o nosso mundo
Que se tornou tão frágil

A nossa fragilidade é a nossa força
A nossa força é a nossa fragilidade.

Canção Crash Zone

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/crash-zone

Crash Zone
On est venu au monde
C'était pas le paradis perdu
Crash Zone
C'était pas l'enfer non plus

C'était pas le jardin d'Éden
Ni les Tables de la Loi
C'était la loi de la jungle
Que le meilleur gagne
Ou le pire c'est pareil

Le meilleur a gagné
L'homme est devenu roi
La jungle, il l'a brûlée
Il reste plus que la loi

On était tous dans le même bateau
On est tous dans le même vaisseau
Spatial

Le pétard était mouillé
La fusée s'est crashée

Crash Zone. Un SOS
Un signal de détresse
La fin du monde
La fin d'un monde
On l'aura bien cherché

La loi de la jungle
C'est pas celle du plus fort
C'est celle du plus malin
On joue à qui perd gagne
Et à la fin, on compte les morts

Y'avait le monde ancien
Et y'avait le Nouveau Monde
Le Nouveau Monde
C'est là où y'avait rien
Avant que les Européens débarquent

Crash Zone
Chegámos ao mundo
Não era o paraíso perdido
Crash Zone
Também não era o inferno

Não era o jardim do Éden
Nem as Tábuas da Lei
Era a lei da selva
Que vença o melhor
Ou o pior, tanto faz

O melhor venceu
O homem tornou-se rei
E a selva, queimou-a
Já não resta senão a lei

Estávamos todos no mesmo barco
Estamos todos na mesma nave
Espacial

O foguete estava molhado
O foguetão despenhou-se

Crash Zone. Um SOS
Um sinal de socorro
O fim do mundo
O fim de um mundo
Foi por nossa própria culpa

A lei da selva
Não é a do mais forte
É a do mais astuto
Jogamos para ver quem perde ao ganhar
E no fim contamos os mortos

Havia o Velho Mundo
E havia o Novo Mundo
O Novo Mundo
Era onde não havia nada
Antes de os europeus desembarcarem

Le Nouveau Monde ce qui est sûr
C'est qu'y avait plus rien
Après qu'on l'a colonisé
Les Indiens on les a tués
Si y'avait des Martiens
On les tueraient aussi
Après les avoir évangélisés

La Nouvelle Frontière
C'est l'enfer
On va bientôt débarquer

Zone de crash
On compte nos morts
Depuis le début de l'Humanité

Y'a plus de morts
Que d'vivants sur la Terre
Ils ont la majorité

Crash Zone. Un SOS
Un signal de détresse
La fin du monde
La fin de notre monde

On l'aura bien cherché.

Crash Zone, on a perdu le contrôle
Crash Zone, on descend en piqué
Crash Zone, on va s'écraser
Crash Zone sur le berceau de l'Humanité

Do Novo Mundo, o que é certo
É que já não restava nada
Depois de o colonizarmos
Os índios, matámo-los
E, se houvesse marcianos
Também os mataríamos
Depois de os evangelizar

A Nova Fronteira
É o inferno
Em breve vamos desembarcar

Zona de choque
Contamos os nossos mortos
Desde o começo da Humanidade

Há mais mortos
Do que vivos sobre a Terra
Eles têm a maioria

Crash Zone. Um SOS
Um sinal de socorro
O fim do mundo
O fim do nosso mundo

Foi por nossa própria culpa

Crash Zone, perdemos o controlo
Crash Zone, caímos a pique
Crash Zone, vamos despenhar-nos
Crash Zone sobre o berço da Humanidade

Canção Bolas de sabão

https://soundcloud.com/jeanpierremartinez_music/bulles-de-savon

Admirez ces bulles de savon
Qui ne savent pas où elles vont
Poussées par la brise et le vent
Et par le rire des enfants
Elles montent tout droit vers le ciel
Dans la lumière crue du soleil
Fragiles et mystérieuses
Parées de couleurs merveilleuses

Nous sommes des bulles de savon
Nous sommes des bulles nous le savons
C'est un vent léger qui nous porte
Et c'est le vent qui nous emporte
Quelques instants nous volerons
En compagnie des papillons
C'est un souffle qui nous fait naître
Un souffle nous fait disparaître

Enflant jusqu'à la déraison
Avant d'éclater sans raison
Et de retourner au néant
N'ayant vécu qu'un seul instant
Elles disparaissent dans les nuages
Ne laissant rien dans leur sillage
Qu'une goutte d'eau vaporeuse
Comme une larme presque joyeuse

Nous sommes des bulles de savon
Nous sommes des bulles nous le savons
C'est un vent léger qui nous porte
Et c'est le vent qui nous emporte
Quelques instants nous volerons
En compagnie des papillons
C'est un souffle qui nous fait naître
Un souffle nous fait disparaître

Enfant souvenez-vous demain
Des bulles sorties de votre bouche
Et seul dans votre salle de bain
Faites en d'autres sous la douche
Laissez vos bulles de savon
Voler jusqu'à votre balcon
Et portées par un vent léger
Embrasser le ciel de l'été

Admirai essas bolas de sabão
Que não sabem para onde vão
Empurradas pela brisa e pelo vento
E pelo riso das crianças
Sobem direitas para o céu
Na luz crua do sol
Frágeis e misteriosas
Adornadas de cores maravilhosas

Somos bolas de sabão
Somos bolas, bem o sabemos
É um vento leve que nos leva
E é o vento que nos arrasta
Durante alguns instantes voaremos
Na companhia das borboletas
É um sopro que nos faz nascer
Um sopro nos faz desaparecer

Inchando até à desrazão
Antes de rebentar sem razão
E de regressar ao nada
Tendo vivido um único instante
Desaparecem entre as nuvens
Sem deixar nada à sua passagem
Senão uma gota de água vaporosa
Como uma lágrima quase alegre

Somos bolas de sabão
Somos bolas, bem o sabemos
É um vento leve que nos leva
E é o vento que nos arrasta
Durante alguns instantes voaremos
Na companhia das borboletas
É um sopro que nos faz nascer
Um sopro nos faz desaparecer

Criança, lembra-te amanhã
Das bolas saídas da tua boca
E, sozinho na tua casa de banho,
Faz outras debaixo do duche
Deixa que as tuas bolas de sabão
Voem até à tua varanda
E, levadas por um vento leve,
Beijem o céu do verão

Nous sommes des bulles de savon
Nous sommes des bulles nous le savons
C'est un vent léger qui nous porte
Et c'est le vent qui nous emporte
Quelques instants nous volerons
En compagnie des papillons
C'est un souffle qui nous fait naître
Un souffle nous fait disparaître

Somos bolas de sabão
Somos bolas, bem o sabemos
É um vento leve que nos leva
E é o vento que nos arrasta
Durante alguns instantes voaremos
Na companhia das borboletas
É um sopro que nos faz nascer
Um sopro nos faz desaparecer

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 120 comedias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim
do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está
cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seus sites :*

*<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>*

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Junho de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-404-7

Documento para download gratuito